

fangirl

rainbow rowell

Tradução de João Seixas

Para Jennifer, que tinha sempre um sabre de luz a mais

PRIMEIRO SEMESTRE - 2011

A Série Simon Snow

Da Wikipédia, a enciclopédia livre

{Este artigo refere-se à série de livros infantis. Para outros usos, veja Simon Snow (desambiguação).}

Simon Snow é uma série de sete livros de fantasia escritos pela filóloga inglesa Gemma T. Leslie. Os livros contam a história de Simon Snow, um órfão do Lancashire de onze anos que é recrutado para frequentar a Escola de Magya de Walford, a fim de se tornar um mágico. À medida que vai crescendo, Simon junta-se a um grupo de mágicos – os Magos – que combatem o Insidioso Humdrum, um ser maléfico que procura livrar o mundo de toda a magia.

Desde a publicação de *Simon Snow e o Herdeiro do Mago* em 2001, os livros já foram traduzidos para 53 línguas e, à data de agosto de 2011, venderam mais de 380 milhões de exemplares.

Leslie tem sido criticada pela violência presente na série e por ter criado um herói que por vezes se mostra egoísta e com mau feitio. Uma cena de exorcismo no quarto volume, *Simon Snow e as Quatro Selkies*, foi causa de boicotes por parte de grupos cristãos norte-americanos, em 2009. Mas os livros são amplamente considerados como clássicos modernos e, em 2010, a revista *Time* considerou Simon “a mais importante personagem literária infantil desde Huckleberry Finn”.

Um oitavo livro, o último da série, será publicado a 1 de maio de 2012.

História editorial

Simon Snow e o Herdeiro do Mago, 2001

Simon Snow e a Segunda Serpente, 2003

Simon Snow e o Terceiro Portal, 2004

Simon Snow e as Quatro Selkies, 2007

Simon Snow e as Cinco Lâminas, 2008

Simon Snow e as Seis Lebres Brancas, 2009

Simon Snow e os Sete Carvalhos, 2010

Simon Snow e a Oitava Dança, previsto para 1 de maio de 2012

UM

Estava um rapaz no seu quarto.

Cath olhou para o número pintado na porta, depois para a distribuição de quartos que segurava na mão.

Pound Hall, 913.

Não havia dúvida de que aquele era o quarto 913, mas talvez não estivesse em *Pound Hall* – os dormitórios eram todos parecidos, como os lares de idosos do Estado. Talvez Cath devesse tentar intercetar o pai antes que ele trouxesse para cima o resto das caixas.

— Deves ser a Cather — disse o rapaz, sorrindo e estendendo-lhe a mão.

— Cath — disse ela, sentindo uma contração de pânico no estômago. Ignorou a mão que ele lhe estendia. (De qualquer maneira, com uma caixa nos braços, ele estava à espera de quê?)

Aquilo só podia ser engano – aquilo tinha de ser engano. Ela sabia que Pound era um dormitório misto... *Mas poderiam existir quartos mistos?*

O rapaz tirou-lhe a caixa das mãos e pousou-a numa cama vazia. A cama do outro lado do quarto já estava coberta de roupas e caixas.

— Ainda tens mais tralha lá em baixo? — perguntou ele. — Nós acabámos agora mesmo. Acho que vamos comer um hambúrguer; apetece-te ir connosco comer um hambúrguer? Já foste ao Pear's? Têm ham-

búrgueres do tamanho do teu punho. — Ele pegou-lhe no braço. Ela engoliu em seco. — Fecha a mão — disse ele.

Cath obedeceu.

— *Maiores* do que o teu punho — disse o rapaz, soltando-lhe o braço e pegando na mochila que ela tinha pousado à entrada. — Ainda tens mais caixas? Tens de ter. Tens fome?

Era alto, magro e moreno, e tinha o aspeto de quem acabara de tirar um gorro, com o cabelo louro espetado em todas as direções. Cath voltou a olhar para a distribuição de quartos. Poderia o rapaz ser *Reagan*?

— Reagan! — chamou ele, animado. — Olha, a tua colega de quarto já está aqui.

Uma rapariga entrou no quarto, passando por Cath, antes de se voltar para olhar para ela, friamente. Tinha o cabelo castanho suave, e um cigarro por acender na boca. O rapaz pegou nele e pô-lo na boca. — Reagan, Cather. Cather, Reagan — apresentou.

— Cath — disse Cath.

Reagan anuiu e mergulhou a mão na bolsa, procurando outro cigarro. — Fiquei com este lado — disse ela, apontando com a cabeça para a pilha de caixas no lado direito do quarto. — Mas não importa. Se tiveres problemas de feng shui, estás à vontade para mudar as minhas merdas. — Voltou-se para o rapaz. — Estás pronto?

Ele voltou-se para Cath. — Vens?

Ela fez que não com a cabeça.

Logo que a porta se fechou atrás deles, Cath sentou-se no colchão que aparentemente seria o dela – feng shui era o menor dos seus problemas – e encostou a cabeça à parede de cimento.

Só precisava de acalmar os nervos.

De pegar na ansiedade que sentia como chuva negra por detrás dos olhos e como um segundo coração na garganta, e enfiá-la garganta abaixo até ao estômago, que era o lugar dela – onde pelo menos podia atá-la num nó apertado e lidar com ela.

O pai e Wren deviam estar a chegar a qualquer momento, e Cath não queria que eles soubessem que estava quase a dar o berro. Se Cath desse o berro, o pai também acabava por dar o berro. E se *algum* deles desse o berro, Wren ia portar-se como se tivessem feito de propósito para estragar o seu perfeito primeiro dia de universidade. A sua maravilhosa nova aventura.

Ainda me vais agradecer por isso, estava Wren sempre a dizer.

Tinha-o dito pela primeira vez em junho.

Cath já enviara os formulários de requisição de alojamento na universidade e, é claro, tinha indicado Wren como sua colega de quarto – nem sequer pensara duas vezes. Ambas tinham partilhado quarto durante dezoito anos, porque haveria agora de ser diferente?

— Partilhámos o quarto durante *dezoito anos* — argumentou Wren. Estava sentada à cabeceira da cama de Cath, exibindo a sua irritante expressão de *Eu é que Sou a Mais Adulta*.

— E funcionou sempre bem — disse Cath, indicando o quarto com o braço – as pilhas de livros e os posters do *Simon Snow*, o armário onde enfiavam toda a sua roupa, quase sempre sem se preocuparem qual era a de uma e qual a de outra.

Cath estava sentada aos pés da cama, tentando não parecer a Irmã Patética que Está Sempre a Chorar.

— Vamos para a universidade — insistiu Wren. — A lógica de ir para a universidade é precisamente conhecer caras novas.

— A lógica de ter uma irmã gémea — disse Cath — é não ter de me preocupar com este tipo de coisas. Estranhas esquisitas que te roubam os tampões e cheiram a acompanhamento de salada e que te tiram fotografias com o telemóvel enquanto estás a dormir...

Wren soltou um suspiro. — De que estás tu a falar? Por que razão havia alguém de cheirar a acompanhamento de salada?

— A vinagre — disse Cath. — Lembras-te quando fomos no passeio dos caloiros, e o quarto daquela miúda cheirava a molho vinagrete?

— Não.

— Pois bem, era nojento.

— É a universidade — disse Wren, exasperada, cobrindo o rosto com as mãos. — Supõe-se que seja uma *aventura*.

— Já é uma aventura. — Cath arrastou-se pela cama até junto da irmã e afastou-lhe as mãos do rosto. — A ideia só por si já é aterradora.

— Supõe-se que vamos conhecer caras novas — repetiu Wren.

— Não preciso de caras novas.

— Isso só mostra o quão necessitada estás de ver caras novas... — Wren apertou as mãos de Cath. — Cath, pensa nisso. Se fizermos isto juntas, as pessoas vão tratar-nos como se fôssemos a mesma pessoa. Hão

de passar os quatro anos antes que consigam sequer distinguir-nos uma da outra.

— As pessoas só têm de prestar atenção. — Cath tocou a cicatriz no queixo de Wren, logo abaixo do lábio. (Acidente de trenó. Tinham nove anos, e Wren ia à frente quando o trenó foi contra uma árvore. Cath tinha caído de costas sobre a neve.)

— Sabes que tenho razão — disse Wren.

Cath sacudiu a cabeça. — Não, não sei.

— Cath...

— Por favor, não me faças passar por isto sozinha.

— Nunca estás sozinha — disse Wren, suspirando uma vez mais. — Essa é que é a porra da lógica de se ter uma irmã gémea.

— Isto é bem porreiro — disse o pai delas, correndo os olhos pelo Pound 913 e pousando um cesto de lavandaria cheio de sapatos e livros sobre a colcha de Cath.

— Não é nada porreiro, pai — disse Cath, mantendo uma postura rígida, junto da porta. — É como um quarto de hospital, mas mais pequeno. E sem televisão.

— Tens uma excelente vista para o campus — retorquiu ele.

Wren aproximou-se da janela. — O meu quarto dá para um parque de estacionamento.

— Como é que sabes? — perguntou Cath.

— Google Earth.

Wren mal podia esperar para que toda aquela coisa universitária começasse. Ela e a sua colega de quarto – *Courtney* – andavam a falar uma com a outra há semanas. Courtney também era do Omaha. Já se tinham conhecido e tinham ido juntas às compras, atrás de coisas para o quarto do dormitório. Cath tinha-se colado a elas, tentando não fazer beicinho enquanto escolhiam posters e candeeiros de secretária a condizer.

O pai de Cath afastou-se da janela e rodeou-lhe os ombros com o braço. — Vai correr tudo bem — disse ele.

Ela concordou com um aceno de cabeça. — Eu sei.

— Ok — disse ele, batendo as mãos. — Próxima paragem, Schramm Hall. Segunda paragem, buffet de pizza. Terceira paragem, o meu triste e solitário ninho.

— Nada de pizza — disse Wren. — Lamento, pai, mas eu e a Courtney vamos ao churrasco dos caloiros logo à noite. — Lançou um olhar a Cath. — A Cath também devia ir connosco.

— Pizza, sim — disse Cath em tom de desafio.

O pai sorriu. — A tua irmã tem razão, Cath. Devias ir. Conhecer caras novas.

— Nos próximos nove meses não vou fazer outra coisa que não seja conhecer caras novas. Hoje prefiro o buffet de pizzas.

Wren revirou os olhos.

— Está bem — disse o pai, dando umas palmadinhas no ombro de Cath. — Próxima paragem, Schramm Hall. Minhas senhoras? — Abriu a porta.

Cath não se mexeu. — Podes vir buscar-me depois de a teres entregado — disse, olhando para a irmã. — Quero começar a desfazer as malas.

Wren não discutiu, limitando-se a sair para o corredor. — Falamos amanhã — disse, praticamente sem se voltar para Cath.

— Isso — concordou Cath.

Soube-lhe bem, desfazer as malas. Pôr os lençóis na cama e colocar os seus manuais, novos e estupidamente caros, nas prateleiras por cima da secretária nova.

Quando o pai regressou, caminharam juntos até ao Valentino's. Todas as pessoas com quem se cruzaram tinham mais ou menos a idade de Cath. Era assustador.

— Porque são todos louros? — perguntou Cath. — E porque são todos brancos?

O pai riu-se. — Estás é habituada a viver com a vizinhança menos branca de todo o Nebraska.

A casa deles em South Omaha ficava num bairro mexicano. A família de Cath era a única branca em toda a vizinhança.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Achas que aqui haverá uma carrinha com tacos?

— Acho que vi um Chipotle...

Cath soltou um resmungo.

— Vá lá — disse ele. — Tu gostas de Chipotle.

— A questão não é essa.

Quando chegaram, o Valentino's estava cheio de estudantes. Alguns. Como Cath, estavam acompanhados dos pais, mas não muitos. — É como uma história de ficção científica — disse ela. — Não há crianças... Ninguém com mais de trinta anos... Onde estão os velhotes?

O pai levantou a sua fatia de pizza. — Soy lent Green.

Cath riu-se.

— Ainda não sou velho, sabias? — Estava a tamborilar na mesa com os dois dedos do meio da mão esquerda. — Quarenta e um. Os outros tipos da minha idade, lá no trabalho, só agora é que estão a começar a ter filhos.

— Isso é que foi bem pensado — disse Cath. — Tirar-nos cedo do caminho. Agora já podes começar a levar garinas para casa... tens o caminho livre.

— As minhas garinas... — disse ele, baixando o olhar para o prato. — Vocês são as únicas garinas com que me preocupo.

— Ugh. Pai. Isso é esquisito.

— Sabes o que quero dizer. O que se passa entre ti e a tua irmã? Nunca vos vi a discutir assim antes...

— *Agora* não estamos a discutir — disse Cath, dando uma dentada na fatia de pizza de cheeseburger com bacon. — Ui, caramba. — Cuspiu o pedaço de pizza.

— Que foi, tinha um cabelo?

— Não. Pickles. Não faz mal, só não estava a contar.

— Mas *parece* que estão a discutir — disse ele.

Cath abanou a cabeça. Ela e Wren nem sequer falavam muito uma com a outra, quanto mais discutir. — A Wren quer ser mais... independente.

— Parece-me razoável — disse ele.

Claro que parece, pensou Cath, *é a especialidade da Wren*. Mas não disse nada. Não queria que o pai agora tivesse de se preocupar com isso. Pela forma como ele não parava de bater com os dedos na mesa, era fácil perceber que já estava a ficar com pouca paciência. Já eram muitas horas seguidas a fazer de pai-normal.

— Estás cansado? — perguntou.

Ele sorriu, apologeticamente, e pousou a mão no regaço. — O dia foi longo. Longo e complicado. Não que não estivesse a contar. — Franziu uma

sobrancelha. — Vocês as duas, no mesmo dia. Fiuuu. Ainda nem acredito que não regressam a casa comigo...

— Não te ponhas muito confortável. Não sei se aguento isto um semestre inteiro. — Só estava a falar meio a sério, e ele sabia disso.

— Vais ficar bem, Cath. — Pousou a mão, a mão menos nervosa, sobre a dela e apertou-a. — E eu também. Sabes?

Cath demorou o olhar no dele por instantes. Parecia cansado – e, sim, nervoso – mas estava a aguentar-se.

— Ainda preferia que arranjasses um cão — disse ela.

— Acabava por me esquecer de lhe dar de comer.

— Talvez o conseguíssemos treinar para te dar de comer a ti.

Quando Cath regressou ao quarto, a sua companheira – Reagan – ainda não tinha voltado. Ou talvez já tivesse voltado a sair; as suas caixas pareciam continuar intocadas. Cath acabou de arrumar as suas próprias roupas, e depois abriu a caixa com os pertences mais pessoais que tinha trazido de casa.

Pegou numa fotografia dela com Wren e afixou-a num quadro de cortiça por detrás da sua escrivaninha. Era do dia do final do liceu. Ambas envergavam os mantos vermelhos e sorriam. Tinha sido tirada antes de Wren ter decidido cortar o cabelo...

Wren nem sequer lhe tinha dito que o ia cortar. Simplesmente chegou a casa do trabalho, no final do verão, com um corte à pajem. Tinha um aspeto fabuloso – o que provavelmente queria dizer que também ficaria fabuloso em Cath. Mas agora Cath nunca poderia cortar assim o cabelo, mesmo que conseguisse ganhar coragem para cortar quase quarenta centímetros de cabelo. Não era capaz de pregar uma ao estilo jovem-procura-companheira à própria irmã gémea.

A seguir tirou da caixa uma foto emoldurada do pai, a que tinha estado sempre em cima da cómoda em casa. Era uma foto especialmente bonita, tirada no dia do casamento do pai. O pai era novo e estava a sorrir, e tinha uma pequena flor na lapela. Cath pousou-a na prateleira por cima da escrivaninha.

Depois foi uma fotografia do baile de finalistas, dela com Abel. Cath tinha um vestido verde cintilante, e Abel uma faixa de cintura a condizer. Era uma boa fotografia de Cath, embora o rosto parecesse vazio e chato

sem os óculos. E era uma boa fotografia de Abel, embora tivesse o ar de quem estava aborrecido.

Parecia sempre que estava aborrecido.

Se calhar já devia ter enviado uma SMS a Abel, só para lhe dizer que já tinha chegado – mas queria esperar até se sentir mais descontraída e animada. Não podemos apagar as SMS depois de enviadas. Se te saís com um texto sombrio e melancólico, o texto fica sempre ali no telefone, um lembrete constante da chata que és.

No fundo da caixa estavam os posters de Simon e Baz. Cath estendeu-os cuidadosamente sobre a cama – alguns eram originais, desenhados ou pintados especialmente para ela. Ia ter de escolher os seus favoritos; não havia espaço para todos no quadro de cortiça, e Cath já tinha decidido que não ia afixar nenhum nas paredes, onde Deus e qualquer pessoa os podiam ver.

Escolheu três...

Simon a erguer a Espada dos Magos. Baz langoroso num trono negro. Os dois a caminharem lado a lado numa tempestade de folhas douradas, com os lenços a adejar ao vento.

Ainda havia mais algumas coisas na caixa – um corpete ressequido, uma fita que Wren lhe tinha oferecido, com a inscrição *Clube do Prato Limpo*, bustos comemorativos de Simon e Baz que ela tinha encomendado da Coleção Noble...

Cath arranjou um lugar para tudo e por fim sentou-se na cadeira, com bastante uso, à escrivaninha. Ali sentada, de costas para as caixas e para as paredes nuas do lado da Reagan, era quase como estar em casa.



Estava um rapaz no quarto de Simon.

Um rapaz com cabelo negro, liso, e olhos cinzentos e frios. Estava a rodar em círculos, com um gato erguido bem alto acima da cabeça, enquanto uma rapariga saltava e tentava agarrá-lo. “Dá-mo”, gritava a rapariga. “Vais magoá-lo”.

O rapaz riu-se e levantou o gato ainda mais alto – e depois apercebeu-se de que Simon estava à entrada do quarto e deteve-se, as feições endurecendo.

“Boas”, disse o rapaz de cabelo escuro, deixando cair o gato ao chão. O gato caiu sobre as quatro patas e saiu do quarto a correr. A rapariga correu atrás dele.

O rapaz ignorou-os, compondo o blazer da escola com dois puxões e sorrindo com o lado esquerdo da boca. “Eu sei quem tu és. És o Simon Snow... o Herdeiro do Mago”. Estendeu a mão, com ar superior. “Chamo-me Tyrannus Basilton Pitch. Mas podes chamar-me Baz – vamos ser companheiros de quarto”.

Simon franziu o cenho e ignorou a mão pálida que o outro lhe estendia. “Que julgas que estavas a fazer ao gato dela?”

— Capítulo 3, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*,
direitos reservados, Gemma T. Leslie, 2001



DOIS

Nos livros, quando as pessoas acordam num lugar estranho, há sempre aquele momento de desorientação em que não sabem onde estão.

Cath nunca tinha momentos desses; lembrava-se sempre de adormecer no dia anterior.

Mas, ainda assim, era estranho ouvir o seu despertador de sempre a tocar naquele lugar completamente novo. A luz no quarto também era estranha, demasiado amarela para a manhã, e o ar do quarto tinha um travo a detergente a que ela não sabia se alguma vez se viria a habituar. Cath pegou no telefone e desligou o alarme, lembrando-se de que ainda não tinha enviado uma mensagem a Abel. Nem sequer tinha visto o seu *e-mail* ou a conta de FanFixx antes de se deitar.

“*primeiro dia*”, escreveu ela agora a Abel. “*mais tarde escrevo. x, o, etc.*”

A cama do outro lado do quarto continuava vazia.

Cath podia habituar-se bem àquilo. Talvez a Reagan viesse a passar todo o tempo no quarto do namorado. Ou no apartamento dele. O namorado parecia mais velho – provavelmente vivia fora do campus universitário com mais vinte tipos, numa casa qualquer a cair aos pedaços, com um sofá no quintal.

Mesmo com o quarto por sua conta, Cath não se sentia à vontade para mudar de roupa. Reagan podia entrar a qualquer momento, o

namorado da Reagan podia entrar a qualquer momento... E qualquer um dos dois podia ser um tarado com a mania de usar a câmara do telemóvel.

Cath levou a sua roupa até à casa de banho e mudou-se num dos cubículos. Estava uma rapariga num dos lavatórios a tentar desesperadamente estabelecer contacto visual, com ar amistoso. Cath fingiu não se aperceber.

Acabou de se arranjar com tempo mais do que suficiente para tomar o pequeno-almoço, mas não se sentia capaz de enfrentar o refeitório; não sabia onde ficava, nem como funcionava...

Em situações novas, são sempre as regras mais manhosas as que ninguém se dava ao trabalho de nos explicar. (E as mesmas que não encontramos no Google.) Do tipo, onde é que começa a fila? Que comida podemos trazer? Onde é que devemos esperar, e depois onde é que nos devemos sentar? Para onde vamos depois de comer, porque é que está toda a gente a olhar para nós... *Bah*.

Cath estreou outra caixa de barras proteicas. Ainda tinha mais quatro caixas e três potes enormes de manteiga de amendoim enfiados debaixo da cama. Se conseguisse controlar-se, podia não ter de enfrentar a cantina antes de outubro.

Abriu o portátil enquanto mastigava uma barra de aveia e alfarroba e foi clicando até encontrar a sua conta na FanFixx. Havia uma série de novos comentários na sua página, todos de pessoas que retorciam as mãos de nervosos por ela não ter postado um novo capítulo de *Força* no dia anterior.

Olá, pessoal, escreveu. Lamento por ontem. Primeiro dia de aulas, questões familiares, etc. E hoje é capaz de se repetir. Mas prometo que vos levo de volta ao negro na próxima terça-feira, e que vos tenho preparado algo de especialmente malvado. Com paz, Magicath.

A caminho das aulas, Cath não conseguia livrar-se da impressão de que estava apenas a fingir ser estudante universitária num daqueles filmes para adolescentes. O cenário era perfeito – amplos relvados verdejantes, edifícios de tijolo, miúdos com mochilas por toda a parte. Cath, desconfortável, ajeitou a mochila que levava às costas. *Olhem para mim, sou o cliché de uma estudante universitária.*

Chegou à aula de História Americana dez minutos mais cedo, o que mostrou não ser o bastante para conseguir uma carteira ao fundo da aula. Todos na sala pareciam inquietos e nervosos, como se tivessem perdido demasiado tempo a decidir o que vestir.

(Começa como planeias continuar, tinha pensado Cath enquanto estendia a roupa sobre a cama na noite anterior. Calças de ganga. T-shirt do Simon. Casaco cardigã verde.)

O rapaz na carteira ao lado dela tinha brincos nas orelhas e estava a menear a cabeça, demasiado consciente desse facto. A rapariga do outro lado de Cath não parava de atirar o cabelo de um ombro para o outro.

Cath fechou os olhos. Podia ouvir as carteiras a chiar. Conseguia cheirar-lhes o desodorizante. O simples facto de saber que estavam ali fazia-a sentir-se apertada e encurralada.

Se Cath fosse um pouco menos orgulhosa, podia frequentar aquela aula com a irmã – tanto ela como Wren precisavam dos créditos de História. Talvez pudesse estar a frequentar algumas aulas com Wren, enquanto tinham disciplinas em comum; não partilhavam o interesse em nenhuma das matérias. Wren queria estudar Marketing – e talvez arranjar um emprego na área da publicidade, como o pai de ambas.

Cath não se conseguia imaginar com nenhum tipo de emprego ou de *carreira*. Tinha escolhido Inglês, na esperança de que isso lhe permitisse passar os próximos quatro anos a ler e a escrever. E talvez também os quatro anos seguintes.

Fosse como fosse, os testes tinham-na excluído de Composição Inicial, e quando se tinha encontrado com o seu conselheiro vocacional na primavera, Cath convencera-o de que era capaz de dominar Introdução à Escrita Criativa, uma cadeira de nível pós-secundário. Era a única aula – talvez a única coisa na universidade – que Cath encarava com algum entusiasmo. A professora que dava a aula era mesmo uma escritora. Cath tinha lido os três livros que publicara (sobre o declínio e a desolação da América rural) durante o verão.

— Para que estás a ler isso? — tinha-lhe perguntado Wren quando se apercebeu disso.

— O quê?

— Uma coisa que não tem dragões nem elfos na capa.

— Estou a alargar os meus interesses.

— Shh — disse Wren, tapando os ouvidos da figura do cartaz de filme por cima da cama. — O Baz ainda te ouve.

— O Baz sente-se seguro na nossa relação — retorquira Cath, sem conseguir conter um sorriso.

Estar assim a pensar em Wren fê-la estender a mão para o telemóvel. De certeza que a Wren tinha saído na noite anterior.

Pelo barulho, tinha-lhe parecido que todos os estudantes estavam acordados, a festejar. Cath sentira-se como num cerco no seu quarto vazio. Gritos. Gargalhadas. Música. Tudo vindo de todas as direções. A Wren nunca na vida conseguiria resistir a uma tal algazarra.

Cath tirou o telemóvel da mochila.

“tás acordada?” Enviar.

Uns segundos mais tarde, o telefone pipilou. *“essa não é a minha deixa?”*

“demasiado cansada para escrever ontem à noite”, teclou Cath, *“fui para a cama às 10.”*

Pipilo. *“já estás a negligenciar os teus fãs...”*

Cath sorriu. *“sempre com tantos ciúmes dos meus fãs...”*

“que te corra bem o dia”

“brigada, a ti também”

Um indiano de meia-idade, num tranquilizador casaco de fazenda entrou na sala de aulas. Cath desligou o telefone e enfiou-o na mochila.

Quando voltou ao dormitório, estava a morrer de fome. Àquele ritmo, as barras proteicas não haviam de durar uma semana...

Estava um rapaz sentado à porta do seu quarto. O mesmo rapaz. O namorado da Reagan? O parceiro de passas da Reagan?

— Cather! — exclamou ele, sorrindo. Tinha começado a levantar-se logo que a vira – o que era um espetáculo maior do que devia ser; tinha os braços e as pernas demasiado compridos para o corpo.

— Chamo-me Cath — corrigiu ela.

— Tens a certeza? — O rapaz correu a mão pelo cabelo. Como se quisesse ter a certeza que ainda estava todo despenteado. — É que gosto mesmo de Cather.

— A certeza absoluta — disse ela, seca. — Tive muito tempo para me certificar disso.

Ele ficou ali, à espera que ela abrisse a porta.

— A Reagan está? — perguntou Cath.

— Se a Reagan estivesse — sorriu — eu já estava lá dentro.

Cath pegou na chave mas não abriu a porta. Não se sentia capaz de aturar aquilo. Já estava com uma sobredose de *novo* e *outro* hoje. Naquele momento só queria enrolar-se na sua cama, estranha e a chiar, e inalar três barras proteicas. Olhou por cima do ombro do rapaz. — Quando é que ela chega?

Ele encolheu os ombros.

Cath sentiu o estômago retesar-se. — Bem, não te posso deixar entrar assim — soltou.

— Porquê?

— Nem sequer sei quem és.

— Estás a gozar? — Riu-se. — Conhecemo-nos ontem. Aliás, eu *estava no quarto* quando me conheceste.

— Sim, mas não sei quem és. Ainda nem sequer conheço a Reagan.

— Também a vais fazer esperar cá fora?

— Olha... — Cath não parava de abanar a cabeça. — Não posso deixar rapazes desconhecidos entrar no meu quarto. Nem sequer sei como te chamas. Toda esta situação cheira a demasiado *violante*.

— Violante?

— Sabes o que quero dizer — retorquiu ela — não sabes?

Ele franziu uma sobrancelha e fez que não com a cabeça, ainda a sorrir. — Nem por isso. Mas agora sou eu que não quero entrar no quarto contigo. A palavra “violante” deixa-me pouco à vontade.

— A mim também — disse ela, sentindo-se grata.

Ele encostou-se à parede, e deixou-se escorregar uma vez mais para o chão, erguendo o olhar para ela. Depois estendeu-lhe a mão. — Já agora, chamo-me Levi.

Cath franziu o cenho e aceitou-lhe a mão, a medo, ainda a segurar as chaves. — Está bem — disse, e depois abriu a porta e fechou-a o mais depressa possível atrás de si.

Pegou no portátil e nas barras proteicas, e trepou para o canto da cama.

...

Cath estava a tentar andar de um lado para o outro do seu lado do quarto, mas não havia espaço suficiente. Aquilo já lhe parecia uma prisão, sobretudo agora que o namorado da Reagan, Levi, estava de guarda do lado de fora. Cath sentir-se-ia melhor se pudesse falar com alguém. Perguntou-se se ainda seria demasiado cedo para ligar à Wren...

Em vez disso, telefonou ao pai. E deixou uma mensagem na caixa de correio de voz.

Enviou uma mensagem de texto ao Abel. “*ei. um dia já está. que se conta?*”

Abriu o manual de Sociologia. Depois abriu o portátil. Depois levantou-se para abrir uma janela. Estava calor lá fora. Havia pessoas a correr atrás umas das outras com armas Nerf no exterior de uma República do outro lado da rua. Pi-Kappa-Aspeto-Estranho O.

Cath pegou no telefone e marcou o número.

— Ei — atendeu a Wren. — Que tal correu o primeiro dia?

— Bem. E o teu?

— Bom — respondeu Wren. Conseguia *sempre* ter um ar ligeiro e descontraído. — Quer dizer, de deixar os nervos em franja. Fui parar ao edifício errado para a aula de Estatística.

— Que mau.

A porta abriu-se, dando passagem a Reagan e a Levi. Reagan lançou um olhar estranho a Cath, mas Levi limitou-se a sorrir.

— Pois foi — disse Wren. — Só me fez atrasar uns minutos, mas senti-me tão estúpida... ei, eu e a Courtney vamos sair agora para jantar. Posso ligar-te mais logo? Ou preferes encontrar-te connosco amanhã para o almoço? Acho que nos começamos a reunir no Selleck Hall ao meio-dia. Sabes onde fica?

— Eu encontro-o — disse Cath.

— Ok, fixe. Encontramo-nos lá.

— Fixe — disse Cath, pressionando a tecla *end* e colocando o telemóvel no bolso.

Levi já se tinha desenrolado sobre a cama da Reagan.

— Faz qualquer coisa útil — disse Reagan, atirando-lhe um lençol enrodilhado. — Ei! — disse, dirigindo-se a Cath.

— Ei — retorquiu Cath. Ficou assim quase um minuto, à espera que se gerasse uma conversa, mas Reagan não parecia interessada. Estava a remexer nas suas caixas todas, como se estivesse à procura de alguma coisa.

— Que tal correu o primeiro dia? — perguntou Levi.

Cath levou quase um segundo a compreender que estava a falar com ela. — Bem — respondeu.

— És caleira, não és? — Levi estava a fazer a cama de Reagan. Cath perguntou-se se ele estaria a contar passar ali a noite – isso *não* ia acontecer. De maneira nenhuma.

Ele ainda estava a olhar para ela, a sorrir-lhe, por isso assentiu com a cabeça.

— Conseguieste dar com as salas todas?

— Consegui...

— Conheceste pessoas novas?

Conheci, pensou ela. *Vocês os dois*.

— Não intencionalmente — respondeu.

Ouviu Reagan soltar um resmungo de desdém.

— Onde tens as fronhas dos travesseiros? — perguntou Levi para o armário.

— Nas caixas — disse Reagan.

Começou a esvaziar uma caixa, pousando coisas sobre a secretária de Reagan como se soubesse qual era o sítio delas. A cabeça pendia-lhe para diante, como se só tenuemente estivesse ligada ao pescoço e aos ombros. Como se fosse um daqueles bonecos de plástico que apenas permanece inteiro por ter os membros presos por tiras elásticas desgastadas. Levi tinha um ar algo selvagem. Tanto ele como Reagan tinham esse ar. *As pessoas tendiam a aparelhar dessa forma*, pensou Cath, *em pares combinados*.

— E, então, que estás a estudar? — perguntou ele a Cath.

— Inglês — respondeu ela, e depois esperou tempo de mais antes de acrescentar: — E tu, estudas o quê?

Ele pareceu deliciado por lhe terem feito a pergunta. Ou mesmo qualquer pergunta. — Gestão de ranchos.

Cath não fazia ideia do que aquilo queria dizer, mas também não queria perguntar.

— Por favor, não comeces a falar de gestão de ranchos — gemeu Reagan. — Favor fazer disso uma regra, até ao final do ano. No meu quarto, não se fala de gestão de ranchos.

— O quarto também é da Cather — disse Levi.

— Cath — corrigiu-o Reagan.

— E quando não estiveres cá? — perguntou ele à Reagan. — Podemos falar de gestão de ranchos quando não estiveres no quarto?

— Quando eu não estiver no quarto... — disse ela. — Acho que vais ficar à espera no corredor.

Cath sorriu para a nuca de Reagan. Depois viu que Levi estava a olhar para ela e deixou de sorrir.

Todos na sala tinham o ar de que era *disto* que tinham estado à espera a semana inteira. Era como se estivessem à espera do começo de um concerto. Ou da estreia de um filme de culto.

Quando, minutos mais tarde, a Professora Piper entrou na sala, a primeira coisa que Cath notou foi que ela era mais pequena do que parecia nas fotografias na contracapa dos seus livros.

Talvez fosse uma observação estúpida. Afinal, as fotografias eram apenas do rosto. Mas, de alguma forma, a Professora Piper enchia-lhes as medidas – com as maçãs do rosto altas, os olhos de um azul líquido, muito grandes, e um espetacular cabelo castanho comprido.

Ao vivo, o cabelo da professora era igualmente espetacular, mas raiado de cinza e um bocado mais engelhado do que nas fotografias. Era tão pequena que teve de dar um pulinho para se sentar no tampo da secretária.

— Pois bem — disse ela, em vez de *bom-dia*. — Bem-vindos à Escrita Criativa. Já conheço alguns de vós... — Distribuiu sorrisos pela sala, a várias pessoas que não eram a Cath.

Cath era claramente a única caloiira na sala. Começava a perceber o que é que distinguia tão bem os caloiros... Eram as mochilas demasiado novas. A maquilhagem nas raparigas. As t-shirts de macho com temáticas atuais nos rapazes.

E *tudo* em Cath, dos *Vans* novos em folha aos óculos de um lilás escuro que tinha comprado na Target. Todos os alunos dos anos mais avançados usavam armações *Ray-Ban* pretas e pesadas. E os professores, também. Se Cath comprasse um par de *Ray-Ban* pretos, era capaz de pedir um gin tónico sem ter de mostrar o BI.

— Pois bem — disse a Professora Piper. — Fico feliz por vos ter a todos aqui. — Tinha a voz quente e rouca – quase se poderia dizer que ela ronronava, sem exagerar muito – e falava com suficiente suavidade

para que todos tivessem de se sentar muito quietos para a conseguir ouvir.

— Temos muito que fazer este semestre — disse ela — portanto vamos evitar desperdiçar nem que seja mais um minuto dele. Vamos mergulhar de cabeça. — Debruçou-se para a frente, mantendo as mãos na berma da secretária. — Estão prontos? Estão preparados para mergulhar comigo?

A maioria fez que sim com a cabeça. Cath baixou os olhos para o bloco-notas.

— Muito bem. Vamos começar com uma pergunta que não chega a ter verdadeiramente uma resposta... Porquê escrever ficção?

Um dos estudantes mais velhos, um rapaz, decidiu arriscar. — Para nos exprimirmos — propôs.

— Claro — disse a Professora Piper. — É por isso que escreves? O rapaz anuiu.

— Está bem... E por que mais?

— Porque gostamos do som da nossa própria voz — disse uma rapariga. Tinha o cabelo como o da Wren, mas talvez ainda mais fixe. Parecia-se com a Mia Farrow n'A *Semente do Diabo* (se a Farrow usasse um par de *Ray-Ban*).

— Sim. — A Professora Piper riu-se. Era um riso de fada, pensou Cath. — É por isso que eu escrevo. É por isso que *ensino*. — Todos a acompanharam na gargalhada. — E por que mais?

Porque escrevo? Cath tentou pensar numa resposta profunda – sabendo de antemão que não ia falar, mesmo que lhe ocorresse alguma.

— Para explorar novos mundos — disse alguém.

— Para explorar mundos familiares — disse mais alguém. A Professora Piper estava a acenar com a cabeça.

Para estar noutra lado qualquer, pensou Cath.

— Então... — ronronou a Professora Piper. — Talvez para nos compreendermos melhor?

— Para nos libertarmos — disse uma rapariga.

Para nos livrarmos de nós.

— Para mostrarmos às pessoas como somos no interior da nossa mente — disse um rapaz que vestia uns jeans vermelhos muito justos.

— Partindo do princípio que as pessoas querem saber — disse a Professora Piper. Todos se riram.

— Para fazer as pessoas rir.
— Para chamar a atenção.
— Porque é a única coisa que sabemos fazer.
— Fala por ti — disse a professora. — Eu sei tocar piano. Mas contínuem — adoro isto. Adoro mesmo.
— Para pormos *fim* às vozes que temos na cabeça — disse o rapaz à frente de Cath. Tinha cabelo curto, escuro, que se unia numa ponta mais escura sobre a nuca.

Para pararmos, pensou Cath.

Para deixarmos de ser qualquer coisa e de estarmos em qualquer lado.

— Para deixarmos a nossa marca — disse a Mia Farrow. — Para criarmos algo que nos sobreviva.

O rapaz à frente de Cath voltou a falar. — Reprodução assexuada.

Cath imaginou-se sentada com o seu portátil. Tentou pôr em palavras aquilo que sentia, o que acontecia quando corria bem, quando estava a funcionar, quando as palavras saltavam de dentro de si ainda antes de saber quais eram, em borbotão do interior do peito, como rimas, como *rap*, como *saltar à corda*, pensou, *saltar antes que a corda te toque nos calcanhares*.

— Para partilhar algo verdadeiro — disse outra rapariga. Outro par de *Ray-Ban*.

Cath fez que não com a cabeça.

— Porque escrevemos ficção? — perguntou a Professora Piper.

Cath olhou para o seu bloco-notas.

Para desaparecer.



Estava tão concentrado – e frustrado – que nem reparou na rapariga rui-va que se sentou à sua mesa. Tinha tranças e usava uns óculos antiquados e pontiagudos, do tipo que usarias num elegante baile de máscaras, se fosses mascarada de bruxa.

“Vais acabar por te esgotar de cansaço”, disse a rapariga.

“Estou apenas a tentar fazer isto bem”, resmungou Simon, tocando novamente na moeda de dois xelins com a sua varinha, e franzindo o sobrolho de forma dolorosa. Não aconteceu nada.

“Deixa-me experimentar”, disse a rapariga, agitando a mão sobre a moeda.

Não tinha varinha, mas usava um grande anel lilás. Tinha um cordel enrolado em volta dele, para que não lhe escorregasse do dedo. “*Voa para casa.*”

Com um estremecimento, a moeda ganhou seis patas e um torso, e começou a afastar-se. A rapariga varreu-a suavemente de sobre a mesa e para o interior de um frasco.

“Como é que fizeste?”, perguntou Simon. Ela era calóira, tal como ele; bastava olhar para o escudo verde na frente da camisola.

“Tu não *fazes* magia”, disse ela, tentando sorrir de forma modesta, e não sem sucesso. “Tu *és* magia”.

Simon fitou a joaninha de dois xelins.

“Chamo-me Penelope Bunce”, apresentou-se a rapariga, estendendo-lhe a mão.

“Eu sou Simon Snow”, disse ele, aceitando-a.

“Eu sei”, retorquiu Penelope, e sorriu.

— Capítulo 8, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*,
direitos reservados, Gemma T. Leslie, 2001



TRÊS

Assim, era impossível escrever.

Para começar, o quarto no dormitório era demasiado pequeno. Um retângulo minúsculo, com largura suficiente de cada lado da porta para acomodar as camas de ambas – quando a porta se abria, chegava mesmo a bater no colchão de Cath – e a profundidade à justa para encaixar uma secretária de cada lado, entre as camas e as janelas. Se alguma delas tivesse trazido um cadeirão, teria ocupado todo o espaço disponível no meio do quarto.

Mas nenhuma delas tinha trazido um cadeirão. Nem um televisor. Nem sequer nenhum dos candeeiros engraçados da Target.

Reagan parecia não ter trazido consigo nada pessoal, para lá das roupas e uma torradeira claramente ilegal – e para lá de Levi, que estava deitado na cama dela, de olhos fechados, a ouvir música enquanto Reagan escrevia no computador. (Um PC tretoso, tal como o de Cath.)

Cath estava habituada a ter de partilhar um quarto; sempre tivera um quarto partilhado com Wren. Mas o quarto delas era quase três vezes maior que este. E Wren não ocupava tanto espaço como a Reagan. Espaço figurado. Espaço mental. Wren nunca dava a impressão de fazer companhia.

Cath ainda não sabia o que pensar de Reagan...

Por um lado, Reagan não parecia interessada em que ficassem acordadas toda a noite a fazer tranças uma à outra e a tornarem-se amigas para sempre. Já era um alívio.

Por outro lado, Reagan não parecia interessada em Cath, *de todo*.

Na verdade, isso também era um alívio – a Reagan metia medo.

Fazia tudo de uma forma bruta. Escancarava a porta ao abrir, batia com ela ao fechar. Era maior do que Cath, um bocado mais alta e mais peituda (a sério, *peituda*). Mas *parecia* maior. Por dentro, também.

Quando Reagan estava no quarto, Cath tentava não se meter na frente; procurava evitar que os seus olhares se cruzassem. Reagan fingia que Cath não estava ali, e por isso Cath fingia o mesmo. Normalmente, parecia funcionar bem para ambas.

Mas naquele momento, fazer de conta que ela não existia estava a tornar a escrita de Cath muito difícil.

Estava a trabalhar numa cena complicada – Simon e Baz a discutirem se os vampiros alguma vez poderiam ser considerados verdadeiramente bons, e também se deviam ir juntos ao baile de fim de curso. A cena devia ser muito engraçada, romântica e profunda, e isso era normalmente a especialidade de Cath. (Também tinha muito jeito para traições. E dragões falantes.)

Mas agora não conseguia passar de *Simon afastou o cabelo cor de mel dos olhos e soltou um suspiro*. Nem sequer conseguia que Baz se *mexesse*. Não conseguia deixar de pensar em Reagan e Levi sentados atrás de si. O cérebro estava bloqueado em “ALARME DE INTRUSOS!”

Ainda por cima, estava faminta. Logo que Reagan e Levi saíssem do quarto para jantar, Cath ia devorar um frasco inteiro de manteiga de amendoim. *Se* alguma vez saíssem para jantar – Reagan continuava a teclar como se quisesse perfurar a secretária, Levi continuava a *não se ir embora*, e Cath sentia o estômago começar a rosar.

Pegou numa barra proteica e saiu do quarto, com a intenção de dar um curto passeio para clarear as ideias.

Mas o corredor era praticamente um ponto de encontro. Com exceção do delas, todos os quartos tinham as portas abertas. Havia raparigas por todo o lado, a conversar e a rir. Todo o piso parecia cheirar a pipocas de micro-ondas. Cath esgueirou-se para a casa de banho e sentou-se numa das cabinas, desembrulhando a barra proteica e deixando que lágrimas nervosas lhe corressem pelas faces.

Meu Deus, pensou. Deus. Okay. Isto não é assim tão mau. Não se passa nada, a sério. Que se passa, Cath? Nada.

Sentia-se tensa por todo o corpo. Prestes a rebentar. E tinha o estômago a arder.

Pegou no telemóvel e pensou no que estaria Wren a fazer. Provavelmente a coreografar sequências de dança ao som de músicas da Lady Gaga. Provavelmente a experimentar as camisolas da colega de quarto. Quase de certeza que não estava sentada na tampa de uma sanita, a comer uma barra de amêndoas com sementes de linhaça.

Cath podia ligar a Abel... mas sabia que ele ia para o Missouri Tech logo pela manhã. A família tinha-lhe organizado uma festa enorme nessa noite, com *tamales* caseiros e os ioiôs de coco da avó – que eram tão especiais, que nem os punham à venda na padaria da família. Abel trabalhava na padaria, e a família vivia mesmo por cima. O cabelo dele cheirava sempre a canela e centeio... Jesus, estava mesmo com fome.

Enfiou o invólucro da barra de cereais na caixa de disposição de produtos de higiene feminina e lavou a cara antes de voltar ao quarto.

Reagan e Levi estavam a sair, graças a Deus. *E até que enfim.*

— Até logo — disse Reagan.

— Dá-lhe duro. — Levi sorriu.

Cath sentiu vontade de se deixar cair logo que a porta se fechou por trás deles.

Pegou noutra barra de cereais, deixou-se cair sobre a velha cadeira de madeira – estava a começar a gostar daquela cadeira – e abriu uma gaveta onde apoiar o pé.

Simon afastou o cabelo cor de mel dos olhos e soltou um suspiro. “Só porque não me consigo lembrar de nenhum vampiro heroico, não quer dizer que não tenham existido.”

Baz desistiu de tentar fazer levitar o seu baú de marinheiro e apresentou Simon com um relance de presas reluzentes. “Os bonzinhos vestem-se de branco”, disse Baz. “Já alguma vez tentaste sacar sangue a alguém que use uma capa branca?”

Selleck Hall era um dormitório mesmo no centro do campus universitário. Podia-se comer lá, mesmo que não se vivesse ali. Normalmente,

Cath esperava no átrio por Wren e Courtney, para não ter de entrar sozinha na cafetaria.

— E então, que tal é a tua colega de quarto? — perguntou Courtney, enquanto aguardavam na fila para as saladas. Fez a pergunta como se ela e Cath fossem amigas de longa data — como se Cath fizesse a mais pequena ideia de como era Courtney, para lá de saber que gostava de queijo cottage com pêssego.

O balcão de saladas do Selleck era completamente doido. Queijo cottage com pêssego, pera de conserva com tiras de cheddar. — Qual é a ideia disto? — perguntou Cath erguendo uma colher cheia de salada de feijão-verde e feijão branco.

— Talvez seja mais uma daquelas coisas do Nebraska selvagem — disse Wren. — Há tipos no nosso dormitório que andam de chapéu de cowboy, mas tipo o tempo todo, mesmo que só estejam a cruzar o corredor.

— Vou arranjar mesa — disse Courtney.

— Ei. — Cath viu Wren empilhar uma série de vegetais no prato. — Alguma vez escrevemos alguma história com o Simon e o Baz a dançarem?

— Não me lembro — respondeu Wren. — Porquê? Estás a escrever uma cena de dança?

— De valsa. No cimo das amuradas.

— Que romântico. — Wren correu os olhos pelo salão, à procura de Courtney.

— Não sei se não estou a tornar o Simon demasiado fofinho.

— O Simon é fofinho.

— Gostava que a estivesses a ler — disse Cath, seguindo-a até à mesa.

— Não tens os putos todos do nono ano de toda a América do Norte a lê-la? — Wren sentou-se ao lado de Courtney.

— E do Japão — observou Cath, sentando-se. — Sou incompreensivelmente famosa no Japão.

Courtney debruçou-se para a frente, inclinando-se para Cath como se estivesse por dentro de um grande segredo. — *Cath*, a Wren disse-me que escreves histórias do *Simon Snow*. Isso é tão fixe. Sou uma grande fã do *Simon Snow*. Li os livros todos quando era pequena.

Cath desembrulhou a sua sandes, desconfiada. — Ainda não acabaram — disse.

Courtney deu uma dentada no seu queijo cottage, sem se aperceber da correção.

— Quer dizer — disse Cath — os livros ainda não *acabaram*. O oitavo volume só sai para o ano...

— Conta-nos da tua colega de quarto — pediu Wren, com um sorriso inexpressivo.

— Não há nada para contar.

— Então inventa alguma coisa.

Wren estava irritada. O que deixava Cath irritada. Mas depois Cath lembrou-se de como estava satisfeita por estar a comer alguma coisa que exigia o uso de talheres e a conversar com alguém que não era um perfeito desconhecido – e resolveu fazer um esforço com a companheira de Wren, novinha em folha.

— Chama-se Reagan. E tem cabelo castanho-avermelhado... E fuma.

Courtney enrugou o nariz. — No vosso quarto?

— Na verdade, não tem passado muito tempo no quarto.

Wren parecia desconfiada. — Não conversaram?

— Dissemos olá uma à outra — respondeu Cath. — Falei um pedaço com o namorado dela.

— E que tal é o namorado dela? — quis saber Wren.

— Não sei. Alto?

— Bom, ainda só passaram uns dias. Tenho a certeza que a vais chegar a conhecer melhor. — Depois Wren mudou de assunto, para qualquer coisa que tinha acontecido numa festa a que ela e Courtney tinham ido. Só viviam juntas há duas semanas, e já tinham um dilúvio de piadas privadas que passavam completamente ao lado de Cath.

Cath comeu a sua sandes de peru e duas doses de batatas fritas, e aproveitou quando Wren não estava a ver para enfiar uma segunda sandes na mochila.

Reagan ficou finalmente no quarto, nessa noite. (O Levi não, graças a Deus.) Foi para a cama quando Cath ainda estava a escrever.

— A luz incomoda-te? — perguntou Cath, apontando para a lâmpada incrustada na secretária. — Posso desligá-la.

— Está bem assim — respondeu Reagan.

Cath colocou tampões nos ouvidos para não ter de ouvir os ruídos que Reagan fazia ao adormecer. A respiração. O roçar de lençóis. A cama a ranger.

Como consegue ela adormecer assim com uma estranha no quarto?, pensou Cath. Deixou-se ficar com os tampões quando finalmente se foi deitar, puxando o edredão para cima da cabeça.

— Ainda não falaste com ela? — perguntou Wren ao almoço, na semana seguinte.

— Nós falamos — retorquiu Cath. — Ela diz, “Importas-te de fechar a janela?” E eu respondo, “Sem problema.” E também, “oi.” Trocamos “ois” todos os dias. Às vezes, *duas vezes* por dia.

— Está a tornar-se estranho — disse Wren.

Cath remexeu o puré de batata com o garfo. — Já estou a ficar habituada.

— Não deixa de ser estranho.

— A *sério*? — perguntou Cath. — És *tu* quem vem *agora* falar de como me calhou uma colega de quarto estranha?

Wren soltou um suspiro. — E o namorado dela?

— Já não o vejo há um par de dias.

— Que vais fazer este fim de semana?

— O trabalho de casa, acho. Escrever o Simon.

— Eu e a Courtney vamos a uma festa hoje à noite.

— Onde?

— Na Casa Delta! — respondeu Courtney. Disse-o da mesma forma como um completo imbecil diria “*na Mansão da Playboy*”.

— O que é uma Casa Delta? — quis saber Cath.

— É uma República de Engenharia — respondeu Wren.

— Então eles, tipo, embebedam-se e constroem pontes?

— Embebedam-se e *projetam* pontes. Queres vir?

— Ná. — Cath deu uma dentada no rosbife e nas batatas; no refeitório do Selleck era sempre jantar de domingo. — Totós embriagados. Não é a minha onda.

— Tu gostas de totós.

— Não de totós que se inscrevem em Repúblicas — retorquiu Cath. — Esse é um subgrupo de totós pelo qual não nutro qualquer interesse.

— Obrigaste o Abel a assinar um juramento de sobriedade antes de ir para o Missouri?

— O Abel é o teu namorado? — quis saber Courtney. — É giro?

Cath ignorou-a. — O Abel não se vai transformar num bêbado. Ele nem sequer tem tolerância à cafeína.

— Algures aí há uma lógica que não bate bem.

— Sabes bem que não gosto de festas, Wren.

— E tu sabes o que o pai costuma dizer: tens de experimentar uma coisa antes de dizer que não gostas.

— Estás a falar a sério? Estás a valer-te do pai para me convenceres a ir a uma festa de Repúblicas? Eu já *experimentei* ir a festas. Houve aquela em casa do Jesse, com a tequila...

— Provaste tequila?

— Não, mas tu provaste, e eu ajudei a limpar depois de teres vomitado.

Wren sorriu, nostálgica, e alisou as longas repas de cabelo sobre a testa. — Beber tequila tem mais a ver com a viagem, do que com o destino...

— Ligas-me, não ligas?

— Se vomitar?

— Se precisares de ajuda.

— Não vou precisar de ajuda.

— Mas ligas-me?

— Meu Deus, Cath, está bem. Tem calma, ok?



“Mas, senhor”, Simon insistiu. “Tenho de ser o companheiro de quarto dele *todos os anos*, todos os anos até deixarmos Watford?”

O Mago sorriu de forma indulgente e desarranjou o cabelo acastanhado, cor de caramelo, de Simon. “Ser combinado com o companheiro de quarto é uma tradição sagrada em Watford”. Tinha a voz suave, mas firme. “O Crucible decretou a vossa combinação. Deveis olhar um pelo outro, conhecer-vos um ao outro tão bem como irmãos.”

“Sim, mas, senhor...” Simon mexeu-se inquieto na cadeira. “O Crucible deve ter-se enganado. O meu companheiro de quarto é um completo néscio. Pode mesmo ser maligno. Na semana passada, alguém bloqueou o meu portátil com um feitiço, e *sei* que foi ele. Só lhe faltava andar a rir pelos cantos.”

O Mago acariciou a barba, de forma solene. Era uma barba curta, pontiaguda, que só lhe cobria o queixo.

“O Crucible combinou-vos, Simon. O teu destino é olhares por ele.”

— Capítulo 3, *Simon Snow e a Segunda Serpente*,
direitos reservados, Gemma T. Leslie, 2003



QUATRO

Os esquilos no campus estavam mais do que domesticados; eram praticamente abusivos. Se uma pessoa estava a comer, fosse o que fosse, vinham logo ter com ela, invadindo o seu espaço num *chit-chit-chit* incansável.

— Toma lá — disse Cath, atirando o pedaço de uma barra de soja-morango ao esquilo gordo e fulvo que tinha aos pés. Tirou-lhe uma fotografia com o telemóvel e enviou-a a Abel com a mensagem: “*bullying por esquilo*”.

O Abel tinha-lhe enviado fotos do seu quarto – da sua *suite* – no MotTech, e dele com todos os cinco companheiros de quarto com ar de totós que pareciam saídos da série *A Teoria do Big Bang*. Cath tentou imaginar-se a pedir a Reagan que tirasse uma foto com ela, e não conseguiu conter uma gargalhada. O esquilo retesou-se, mas não fugiu.

Às quartas e às sextas, Cath tinha quarenta e cinco minutos livres entre as aulas de Biologia e de Escrita Criativa, e ultimamente tinha-as matado ali, num retângulo de relva, à sombra, no lado menos movimentado do edifício de Inglês. Ali não tinha de lidar com ninguém. A não ser com os esquilos.

Verificou as mensagens de texto, embora o telemóvel não tivesse pipilado.

Não tinha falado com Abel desde que viera para a universidade há três semanas, mas ele mandava-lhe mensagens. E um *e-mail* de vez em

quando. Dizia que estava bem, e que a competição no Missouri já era bastante intensa. “*Todos os que cá estão foram o melhor aluno da turma no último ano do liceu.*”

Cath tinha conseguido resistir à vontade de responder, “*Menos tu, certo?*”

Só porque o Abel tivera as melhores notas no exame final de Matemática não fazia dele o aluno mais inteligente da turma. Não valia um chavo em História Americana, e fizera Espanhol a coxear. *Espanhol*, por amor de Deus.

Já tinha dito a Cath que não tencionava voltar ao Omaha antes do dia de Ação de Graças, e ela não o tentara convencer a voltar a casa mais cedo do que isso.

Ainda não sentia verdadeiramente a falta dele.

Wren diria que isso acontecia porque Abel não era verdadeiramente o namorado de Cath. Era uma das conversas recorrentes entre elas.

— É um namorado mais do que adequado — costumava retorquir Cath.

— É um encosto — era a resposta habitual de Wren.

— Está sempre lá quando preciso dele.

— ...para arrumar as revistas.

— Preferias que namorasse com alguém como o Jesse? Para podermos ficar as *duas* acordadas a chorar todos os fins de semana?

— Preferia que namorasses com alguém que pelo menos gostasses de beijar.

— Eu já beijei o Abel.

— Oh, Cath, para. Estás a fazer com que o meu cérebro queira vomitar.

— Saímos juntos *há três anos*. É meu *namorado*.

— Tens sentimentos mais fortes pelo Baz e pelo Simon.

— *Duh*, são o Baz e o Simon, como se fosse comparação que se fizesse... Eu gosto do Abel. É uma pessoa estável.

— *Continuas* a descrever um encosto...

Wren tinha começado a sair com rapazes logo no oitavo ano (dois anos antes de Cath pensar sequer nisso). E, até conhecer Jesse Sandoz, Wren nunca tinha ficado com o mesmo rapaz mais de uns meses. E só mantinha Jesse por perto porque nunca tinha realmente a certeza de que ele gostava dela – pelo menos essa era a teoria de Cath.

Wren costumava perder o interesse num rapaz logo que o conseguia conquistar. A *conversão* é que era a parte favorita dela. “Aquele momento”, tinha-lhe dito uma vez, “em que te apercebes de que um rapaz está a olhar para ti de forma diferente – de que comesças a ocupar mais espaço no campo de visão dele. Aquele momento em que te apercebes de que ele já não tem olhos para mais nada.”

Cath tinha gostado tanto daquela última frase, que a tinha posto na boca de Baz umas semanas mais tarde. A Wren ficou possessa quando a leu.

Seja como for, o Jesse nunca se chegou a converter verdadeiramente. Nunca tivera olhos só para a Wren, nem depois de terem ido para a cama no outono passado. Isso deu cabo do jogo da Wren.

Cath sentiu-se aliviada quando o Jesse ganhou uma bolsa na Estadual do Iowa, graças ao futebol. Ele não tinha a concentração suficiente para um relacionamento à distância, e havia pelo menos dez mil rapazes na Universidade do Nebraska para a Wren converter.

Cath atirou mais um bocado de barra de cereais ao esquilo, mas alguém com um par de óculos azuis-claros, com asas, aproximou-se demasiado e o esquilo assustou-se e arrastou-se dali. *Os esquilos gordos do campus*, pensou Cath. *Arrastam-se em vez de correr.*

Os óculos azuis deram mais um passo na direção dela, e detiveram-se. Cath olhou para cima. Estava um rapaz parado diante dela. De onde estava sentada – e de onde ele estava em pé, com o Sol pelas costas –, pareceu-lhe ter quase dois metros e meio de altura. Semicerrou os olhos, mas não o reconheceu.

— És a Cath — disse ele. — Certo?

Reconheceu-lhe a voz; era o rapaz de cabelo escuro que se sentava à sua frente na aula de Escrita Criativa: Nick.

— Certo — respondeu.

— Conseguiste acabar o exercício de escrita?

A Professora Piper tinha-lhes pedido que escrevessem cem palavras na perspetiva de um objeto inanimado. Cath fez que sim com a cabeça, ainda a olhar para ele de olhos semicerrados.

— Oh, desculpa — disse Nick, saindo do sol e sentando-se na relva ao lado dela. Pousou a mochila entre os joelhos. — E então, escreveste sobre o quê?

— Uma fechadura — respondeu. — E tu?

— Uma esferográfica. — Fez um trejeito com o rosto. — Tenho medo que toda a gente vá escrever da perspetiva da caneta.

— Não tenhas — disse ela. — A caneta é uma péssima ideia.

Nick riu-se, e Cath baixou o olhar para a relva.

— E então? — perguntou ele. — Achas que ela nos vai obrigar a ler o texto em voz alta?

Cath levantou a cabeça de repente. — *Não*. Porque havia de fazer isso?

— Fazem sempre isso — respondeu ele, como se fosse algo que ela já devesse saber. Cath não estava habituada a ver Nick de frente; tinha um rosto acriançado, com olhos azuis velados e sobrancelhas negras e farfalhudas, que quase se encontravam a meio. Parecia alguém com bilhete de porão no *Titanic*. Alguém que ficaria na fila em Ellis Island¹. De sangue antigo e sem diluir. E giro.

— Mas não há tempo suficiente para todos lerem — contrapôs Cath.

— Provavelmente, vai começar por separar-nos por grupos — respondeu ele, uma vez mais como se fosse algo que ela já devia saber.

— Oh... Sou nova por estas partes.

— És caloira?

Cath anuiu, e rebolou os olhos.

— Como é que uma caloira consegue chegar à aula da Professora Piper, que anda pelos trezentos alunos?

— Pedi.

Nick ergueu as sobrancelhas farfalhudas e projetou o lábio inferior, impressionado. — Achas mesmo que a esferográfica é uma ideia péssima?

— Não sei que queres que te diga, agora — respondeu Cath.

— Tens alguma perturbação alimentar? — perguntou-lhe Reagan.

Cath estava sentada na cama, a estudar.

Reagan estava agarrada à porta do armário, aos saltinhos, a tentar calçar uma bota preta, de tacão. Devia estar a caminho do trabalho – Re-

¹ Ellis Island, situada na Baía Superior de Nova Iorque, albergou o maior posto de Inspeção de Imigração dos Estados Unidos, entre 1892 e 1954. Por ali entraram milhões de imigrantes, sobretudo oriundos da Europa e da Ásia. (N.T.)

agan estava sempre a caminho de qualquer lado. Tratava o quarto como uma estação de transbordo, um sítio onde parava entre as aulas e a biblioteca, entre o emprego na Associação de Estudantes e o emprego no Olive Garden. Um sítio para mudar de roupa, largar os livros e pegar no Levi.

Às vezes, havia outros rapazes. Só no mês passado tinha havido um Nathan e um Kyle. Mas nenhum deles parecia fazer parte do sistema solar da Reagan, como acontecia com o Levi.

O que tornava Levi também numa parte do sistema solar de Cath. Hoje, Levi tinha-a visto no campus e acompanhara-a todo o caminho até Oldfather Hall, a contar-lhe sobre umas luvas que tinha comprado numa loja no exterior da Associação de Estudantes. — Tricotadas à mão. No Equador. Já alguma vez viste uma alpaca, Cather? É como se fossem os lamas mais fofinhos do mundo. Tipo, imagina o lama mais engraçado que consigas imaginar, e continua a partir daí. E a lã deles – não é bem lã, é uma fibra, e é hipoalergénica...

Reagan estava a olhar para Cath, de cenho franzido. Vestia umas calças de ganga pretas, muito justas, e um top preto. Talvez fosse só sair, e não trabalhar.

— O teu cesto de papéis está cheio de invólucros de barras de cereais — disse Reagan.

— Estiveste a remexer no meu lixo? — Cath sentiu um assomo de fúria.

— O Levi estava à procura de um sítio para cuspir a pastilha elástica... E então? Tens algum distúrbio alimentar?

— Não — respondeu Cath, com a certeza de que seria isso que diria mesmo que *sofresse* de algum distúrbio alimentar.

— Então porque não comes comida a sério?

— Mas eu como. — Cath cerrou os punhos. Sentia a pele esticada e tesa. — Mas não aqui.

— És uma daquelas pessoas que são esquisitas a comer?

— Não. Eu... — Cath olhou para o teto, decidindo que era um daqueles momentos em que seria mais simples dizer a verdade do que mentir. — Não sei onde fica o refeitório.

— Já vives aqui há mais de um mês.

— Eu sei.

— E ainda não descobriste o refeitório?

— Ainda não o procurei.

— E porque não perguntaste a alguém? Podias ter-me perguntado.

Cath fez rebolar os olhos antes de os cravar em Reagan. — Queres mesmo ter-me a fazer-te perguntas parvas?

— Se forem perguntas sobre comida, água, ar ou abrigo, sim. Jesus, Cath, és a minha colega de quarto.

— Ok — disse Cath, voltando ao livro. — Fica anotado.

— E então, queres que te mostre onde fica o refeitório?

— Não, obrigada.

— Não podes continuar a alimentar-te só de barras de cereais. Estão quase a acabar.

— Não estão quase a acabar...

Reagan soltou um suspiro. — O Levi é capaz de ter comido algumas.

— Deixas que o teu namorado me roube barras de cereais? — Cath esticou-se sobre a cama para verificar as suas reservas. As caixas estavam todas abertas.

— Ele disse que te estava a fazer um favor — retorquiu Reagan. — A obrigar-te a enfrentar o problema. E não é o meu namorado. Não exatamente.

— Isto é uma violação — disse Cath, furiosa, esquecendo-se, por momentos, que Reagan era provavelmente a pessoa mais intimidante que alguma vez conhecera.

— Calça os sapatos — disse Reagan. — Vou mostrar-te onde fica o refeitório.

— Não. — Cath já conseguia sentir a ansiedade começar a retalhar-lhe o estômago numa miríade de pedacinhos nervosos. — Não é só isso... não gosto de conhecer sítios novos. Situações novas. Aquilo vai estar cheio de gente, e não vou saber onde me sentar... Não quero ir.

Reagan sentou-se aos pés da cama, de braços cruzados. — Tens ido às aulas?

— Claro.

— Como?

— Ir às aulas é diferente — disse Cath. — Há algo em que me concentrar. Ainda é difícil, mas é tolerável.

— Tomas medicamentos?

— Não.

— Talvez devesses tomar...

Cath pressionou os punhos contra a cama. — Não tens nada a ver com isto. Nem sequer me conheces.

— *Isto* — disse Reagan. — Era por *isto* que eu não queria uma caloi-ra como colega de quarto.

— Porque te importas? Incomodo-te?

— Vamos jantar, e é já.

— Não, não vamos.

— Pega no cartão de estudante.

— Não vou jantar contigo. Nem sequer me gramas.

— Gramo-te quanto baste — retorquiu Reagan.

— Isto é ridículo.

— Jesus Cristo, não tens fome?

Cath estava a apertar os punhos com tanta força que os nós dos dedos estavam a ficar brancos.

Pensou em filetes de galinha frita. E em escalopes com batatas. E em tarte de morango e ruibarbo. E perguntou-se se o refeitório do Pound teria uma máquina de gelados como o do Selleck.

E pensou em ganhar. Em como estava a consentir que fosse *isto* a ganhar, fosse isto o que fosse — a loucura que tinha dentro de si. Cath, zero. Loucura, um milhão.

Dobrou-se para a frente, comprimindo o nó que tinha no estômago.

Depois levantou-se com o máximo de dignidade que conseguiu recuperar e calçou as *Vans*.

— Eu *tenho* comida comida a sério... — murmurou. — Costumo almoçar no Selleck com a minha irmã.

Reagan abriu a porta. — Então porque não comes aqui?

— Porque esperei demasiado. Construí um bloqueio. É difícil de explicar...

— A sério, porque não tomas medicamentos?

Cath passou por ela, saindo para o corredor. — És médica psiquiatra? Ou fazes só o papel na televisão?

— Eu tomo medicamentos — disse Reagan. — São uma coisa maravilhosa.

Não houve nenhum momento de desconforto no refeitório; nada de fi-

car espedada à porta com o tabuleiro nas mãos a tentar decidir qual o sítio mais inócuo para se sentar.

Reagan sentou-se na primeira mesa meio vazia que apareceu. Nem sequer cumprimentou as outras pessoas lá sentadas.

— Não vais chegar atrasada ao trabalho? — perguntou Cath.

— Vou sair. Mas, de qualquer maneira, ainda ia jantar aqui antes. Pagámos por estas refeições todas; bem podemos comer aqui.

No tabuleiro de Cath estava um prato de macarrão cozido e duas tigelas de couves-de-bruxelas. Estava esfomeada.

Reagan mastigou uma boca-cheia de salada de massa. O cabelo comprido caía-lhe sobre os ombros. Tinha uma dúzia de tons de vermelho e dourado, nenhum deles parecendo natural. — Achas mesmo que não te gramo? — perguntou, com a boca cheia.

Cath engoliu. Ela e Reagan nunca tinham tido uma conversa até àquele momento, quanto mais uma conversa séria. — Hum... Fico com a impressão de que não queres ter uma colega de quarto.

— Eu *não quero* uma colega de quarto. — Reagan franziu o cenho. Franziá tantas vezes o cenho como Levi sorria. — Mas isso não tem nada a ver contigo.

— Porquê viver no dormitório, então? Não és caloirá, pois não? Não sabia que os alunos mais avançados viviam no campus.

— Sou obrigada — respondeu Reagan. — Faz parte da minha bolsa. Devia ter o meu próprio quarto este ano – estava na lista – mas todas as residências universitárias estão sobrelotadas.

— Lamento — disse Cath.

— Não é culpa tua.

— Eu também não queria uma colega de quarto — disse Cath. — Quer dizer... pensei que ia ficar com a minha irmã.

— Tens uma irmã que também anda cá?

— Gémea.

— Ui. Esquisito.

— Porquê esquisito? — perguntou Cath.

— Porque é. É sinistro. É como ter um *doppelgänger*. Sois gémeas verdadeiras?

— Tecnicamente.

— Ui. — Reagan estremeceu de forma melodramática.

— Não é *sinistro* — disse Cath. — Que se passa contigo?

Reagan esboçou um sorriso e estremeceu outra vez. — E então, porque não estás a viver com a tua irmã?

— Ela queria conhecer caras novas — respondeu Cath.

— Quase dás a impressão de que ela acabou com a vossa relação.

Cath encolheu os ombros e comeu mais uma couve-de-bruxelas. — Ela vive no Schramm — disse, como se estivesse a falar para o tabuleiro. Quando levantou os olhos, Reagan estava a olhar para ela de cenho franzido.

— Estás a fazer com que volte a ter pena de ti — disse Reagan.

Cath voltou o garfo para ela. — Não tenhas pena de mim. Não quero que tenhas pena de mim.

— Não consigo evitar — disse Reagan. — És mesmo patética.

— Não sou nada.

— És, sim. Não tens amigos, a tua irmã deu-te com os pés, és esquisita a comer... E tens uma tara qualquer com o Simon Snow.

— Discordo de toda e cada coisinha que acabaste de dizer.

Reagan mastigou. E franziu o cenho. Usava batom vermelho-escuro.

— Tenho montes de amigos — disse Cath.

— Nunca vi nenhum.

— Acabei de chegar cá. A maior parte dos meus amigos foram para outras universidades. Ou são amigos *online*.

— Amigos na Internet não contam.

— Porquê?

Reagan encolheu os ombros, desdenhosa.

— E não tenho tara nenhuma com o Simon Snow — acrescentou Cath. — Sou apenas muito ativa no *fandom*.

— Que porra é essa, “o *fandom*”?

— Não conseguias compreender. — Cath suspirou, desejando não ter empregado a palavra, e sabendo que quanto mais tentasse explicar, pior seria. Não havia maneira de a Reagan acreditar – ou compreender – que Cath não era uma simples fã do Simon. Era uma *dos* fãs. Uma fã de nome reconhecido, ela própria com fãs.

Se dissesse à Reagan que as suas histórias do Simon chegavam normalmente aos quinze mil leitores... a Reagan rir-se-ia dela.

Ademais, dizer tudo isso em voz alta ia fazer com que Cath se sentisse uma verdadeira idiota.

— Tens cabeças do Simon Snow na secretária — disse Reagan.

- São bustos comemorativos.
- Pois tenho pena tua, e vou ser tua amiga.
- Não quero ser tua amiga — disse Cath de forma tão dura quanto era capaz. — Eu *gosto* de não sermos amigas.
- Eu também — retorquiu Reagan. — Só é pena teres estragado tudo por seres tão patética.